

# MULHER ROMANI/CIGANA: DIMENSÃO SUBJETIVA E REALIDADE

## ROMANI/GYPSY WOMAN: SUBJECTIVE DIMENSION AND REALITY

Voria Stefanovsky<sup>1</sup>

Elisa Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** A reflexão sobre a dimensão subjetiva de ser mulher romani/cigana é o eixo central que dá início e norteia o texto. A proposta de descolonização e combater na prática acadêmica o racismo epistemológico é levada também à linguagem utilizada pelas autoras no texto, que inclui a poesia e a voz em primeira pessoa, e ao próprio processo de construção intelectual do mesmo, que privilegiou o diálogo oral entre duas mulheres que compartilham destinos e lutas comuns e refletem sobre eles. À luz de teorias, mas também de vivências, de estudiosas que também pertencem ao grupo ao qual dedicam seu labor. Questões relativas à exclusão, ao anticiganismo, aos estereótipos e representações e a múltipla subalternização da mulher romani são temas que perpassam as discussões.

---

1 Voria Stefanovsky é doutora e mestre em literatura pela Universidade de Brasília – UnB, graduada também em jornalismo e artes. Ativista romani pelos direitos humanos é atualmente diretora do Observatorio de Mujeres Gitanas e vice-presidente do Observatorio Gitano – Argentina. Técnica pesquisadora integrante do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea do Departamento de literatura da Universidade de Brasília, e do Grupo de Estudos da Memória, Mnemosyne, ambos registrados no CNPq – Brasil. Também é conhecida por Paula Soria, dado que a raiz de uma denúncia racista fundamentada em estereótipos, foi violentamente retirada de sua família e levada a uma instituição católica aos 10 anos de idade quando era nômade, analfabeta e indocumentada. Permaneceu aí por quase dois anos sob a alegação de que era uma menina roubada por sua própria família romani. Ao sair recebeu autoritariamente o nome Paula. [voripaula@gmail.com/observatorioromi@gmail.com](mailto:voripaula@gmail.com/observatorioromi@gmail.com)

2 Elisa Costa é Pós-graduada Lacto Sensu em Saúde Coletiva e Humanização e Cuidados Paliativos. Presidente e fundadora da AMSK/Brasil. É Feminista Romani e Defensora pelos Direitos Humanos com uma trajetória de anos de luta pelo povo Romà. Bacharel em Ciências da Saúde Natural e Práticas Integrativas e Complementares. Com formação em Liderança Executiva para o Desenvolvimento da Primeira Infância – INSPER Instituto de Ensino e Pesquisa. Fellow Ashoka/2018. Membro IRU 2020 e Vice-presidente da IRU South América e membro da RAC – South América Roma Advisory Council. [elisa@amsk.org.br](mailto:elisa@amsk.org.br)

**Palavras-chave:** mulher romani/cigana, Romã/ ciganos, subjetividade, estereotipo, anticiganismo, subjetividade, exclusão.

**Abstract:** Reflection on the subjective dimension of being a Romani/Gypsy woman is the central axis that starts and guides this text. The proposal to decolonize and combat epistemological racism in academic practice is also carried over into the language used by the authors in the text, which includes poetry and the first person voice, and to the very process of intellectual construction of the same, which privileged the oral dialogue between two women who share common destinies and struggles and reflect on them. In the light of theories, but also of experiences, of scholars who also belong to the group to which they dedicate their work. Issues related to exclusion, anti-gypsyism, stereotypes and representations and the manifold subordination of Romani women are themes that permeate the discussions.

**Keywords:** Romani / Gypsy woman, Romã / Gypsies, subjective dimension, stereotypes, anti-gypsyism, subjectivity, exclusion.

### **Para início de conversa: descolonizar o discurso**

As primeiras reflexões de nosso texto, principalmente quando introduzimos a subjetividade, podem gerar uma sensação ‘algo estranho’ de que não se está lendo uma produção total e ‘tradicionalmente’ acadêmica. E dizemos ‘nosso’, não para usar o plural majestático, mas porque foi escrito em conjunto<sup>3</sup>. A intenção é esta mesma, criar algum ruído, porém não ensurdecedor ou abusivo, como algumas vezes pode ser a linguagem acadêmica em sua necessidade de provar que possui a verdade. Sabemos que a rigor

---

3 Decidimos construir esse texto à maneira de nossa cultura, onde a oralidade é forte, e é ela que importa para traçar metas, pensar o mundo e “combinar”. As mãos de uma escreve o que as duas juntas pensaram, planejaram e dialogaram em conversas intermináveis, regadas por risos e pesares cúmplices, entre reuniões de trabalho e a vida mesma.

todo discurso deveria ter a pretensão de dizer a verdade, ou ao menos a sua genuína ideia de verdade, e honrá-la a partir de argumentos. Nosso ‘ruído’ estaria mais relacionado a dois aspectos centrais justificáveis, primeiro: culturas distintas, como a romani/cigana possuem estruturas de comunicação e racionalidades diferentes (Welsch, 2007, p. 250), baseadas em percepções de mundo e paradigmas distintos, que não são melhores ou piores, são somente outros, e por isso, possuem respostas, verdades e questionamentos diferentes. Assim sendo, é importante repensar a ideia etnocêntrica de que paradigmas e visões de mundo diferentes dos aceitos e praticados pela sociedade majoritária não sejam igualmente válidos para compor e explicar o mundo.

Desta forma, também a linguagem está constituída nesse contexto, e diferentes culturas utilizam diferentes linguagens, que podem convergir, divergir ou complementar e as culturas historicamente subalternizadas, como a romani, foram, além de excluídas da história, também expulsas do discurso acadêmico por este viés de pensamento. Consideradas não aptas por não se enquadrar na forma de racionalidade do “outro”. Corroborando, de certa forma, com o racismo ontológico.

O conhecido colonialismo permanece vivo sob outras facetas também geradoras e mantenedoras de subalternidades e exclusão, tendo como entidades reprodutoras instituições que deveriam gerar pensamento capaz de transformar e promover um mundo mais justo e igualitário: as Universidades. Por sorte, dentro dessas instituições aceitadas socialmente como detentoras e geradoras de saber, pouco a pouco, outras formas de discurso e de saberes começam a ganhar algum espaço pelas mãos, muitas vezes, dos historicamente subalternizados que vão acedendo aos espaços universitários, porém é um processo paulatino. Ainda se pode falar, sem medo a errar, que o racismo epistemológico continua sendo ‘doença crônica’ na academia, ‘enfermidade’ responsável pelo crime do “epistemicídio” no qual os saberes, perspectivas e visão de mundo de integrantes de grupos subalternizados são continuamente destruídos ou inferiorizados (Santos, 2010). Ou seja, as mesmas estruturas de poder alicerçadas em desigualdades sociais, culturais e econômicas permeiam as Universidades. O que torna ainda mais difícil o processo de desconstrução de racismos e práticas discriminatórias nas sociedades, já que essas instituições terminam por legitimar o discurso dominante, pela autoridade do conhecimento a elas

atribuído. O quadro evolui gravemente quando a atual e crescente tendência da prática de apropriação dos discursos dos historicamente silenciados por parte dos que “podem falar” por eles entra em ação – a despeito de que muitos deles, inclusive, já estão suficientemente ‘aptos’ a usar as ferramentas acadêmicas – e trabalha, na verdade, contra o protagonismo dessas vozes e pela permanência do conveniente status de objeto ad eternum. Ainda que exista uma parcela de pesquisadores bem-intencionados, boa parte não está realmente preocupada se as discussões e soluções levantadas pelos distintos estudos, publicações e todo esse emaranhado de instrumentos que alimentam currículos, verbas e qualificações contemplam o pensamento e as necessidades desses coletivos.

Um segundo aspecto para nossa intencional introdução de ‘ruído’ se justifica pela necessidade de trazer a dimensão subjetiva na construção de nosso texto sobre a mulher romani, e nesse momento somos sujeitos e ‘objetos’ do que escrevemos. O que nos remete a ideia, novamente de Santos (1989, 12) ao se referir à dimensão hermenêutica de uma compreensão crítica, onde é inevitável o envolvimento entre o sujeito e o objeto, em um movimento circular e incessante. Subjetividade entendida como a forma própria de sentir e pensar o mundo, dar-lhe significado e motivo. Nesse caso do coletivo romani, desde a voz de seus integrantes ou da expressividade poética desse sentir.

A tradução cultural que nos acompanhou ao longo de nossas vidas – que por vários e distintos motivos aprendemos a dialogar com os “dois mundos”, utilizando as linguagens e instrumentos dos dois – já nos permite utilizar as ferramentas acadêmicas. Porém, para falar da subjetividade de ser romani, de ser “cigana”, de conviver com estereótipos como se convive com o ar que nos rodeia aonde quer que vamos, de lidar com a subalternidade por cultura e por etnia, além da comum subalternidade por gênero. Para falar dessas subjetividades é necessário, falar de ‘dentro’, da voz em primeira pessoa que preenche as lacunas da história silenciada, do dizível através do poético e do uso de outras premissas que nos permitam iniciar a partir de uma voz própria da cultura e da cultura em voz própria. Como nos aproximar e mostrar essa subjetividade? Como preencher os espaços vazios deixados pelas palavras que erguem argumentos e teorias? A necessidade de aproximação ao entendimento desses “vãos” nos convida a subverter nossa escrita (tanto no sentido de modificá-la como no sentido de trazer à tona o que

está por trás) e pontuar reflexões teóricas com exemplos baseados em experiências vividas, observadas ou sentidas por uma primeira pessoa, que constrói e permeia essa identidade.

### **A subjetividade: entre a dor de ser “cigana” e o orgulho de ser romani<sup>4</sup>**

Queremos falar de mulher romani/cigana, de forma que a subjetividade emergja, ao menos em pequenas frestas, as possíveis no contexto destas linhas e de seu destino. Mas antes temos que nos aproximar à subjetividade do Povo no qual essa mulher nasceu e bebeu de seus saberes a partir das mulheres ascendentes visando transmiti-los as suas descendentes – capricho inevitável da sorte para seu bem e para seu mal.

Podemos nos considerar ou nos apresentar como uma mulher romani (sintisa/ronmi/kalin), mestiças ou descendentes – por força da compreensão à cultura que, por mais uma imposição patriarcal de patrilinearidade, impõe seus medos por meio de nomenclaturas e faz concessões pela necessidade de confirmar o orgulho étnico<sup>5</sup>. Somos integrantes femininas do grupo não importa de que lugar falamos e dos conflitos e/ou coincidências que compartilhamos com a tradição ou o conservadorismo. Vale lembrar, em um parêntese, que a tradição é a que permite mudanças, se adapta e se constrói continuamente para que os valores realmente importantes permaneçam e a cultura sobreviva ao tempo. Já o conservadorismo é o apego a não mudança, sem avaliação crítica, é autoritário e se rompe facilmente por sua rigidez.

---

4 Aqui nos remetemos ao título de minha dissertação de mestrado, “entre a dor de ser cigano e o orgulho de ser romà: uma aproximação a literatura romani ...” (SORIA,2008). Estudo que plasmou o que alguns anos depois veio a ser minha tese de doutorado. A utilização de “cigana” entre aspas como forma de marcar o peso estigmatizante do uso da denominação quando proferida pelo ‘outro’. Ainda que não desconhecemos que muitos grupos preferem a denominação cigano por acreditar que o uso de romà ou romani privilegia mais ao grupo rom. Lembremos que os três grupos principais são: rom, sinti e calé (ou calons).

5 Fazemos referência a casos como de mulheres filhas de mães romani que, inegavelmente romani/ciganas, em todos os sentidos, optam por respeitar os padrões tradicionais e se dizer mestiças ou descentes e de pessoas com ascendência romani, as vezes distante, que por seu reconhecimento público, passam a ser consideradas totalmente romani pelo coletivo étnico. Outra ambiguidade da cultura ou um paradoxo comum ao humano. Ressalto que, a meu ver, não deveria haver distinção entre os integrantes mestiços, descendentes ou “puros” (termo inadequado, porém elucidativo).

Pode ser bastante contraproducente pois induz a exclusões e injustiças internas, aumento do preconceito externo e até a perda opcional de integrantes, caso comum dos indivíduos e famílias que chegam ao extremo de invisibilizar sua origem romani para os outros e para os seus descendentes.

Contudo, de onde quer que seja que falemos e qualquer que seja nossa posição como mulher romani, se queremos realmente seguir o fluxo da subjetividade poética e circular desse povo que “caminha” em nossas veias, somos impelidas a mesclar tematicamente mulheres, homens e povo nas abordagens e reflexões, respeitando assim o fluxo de pensamento ancestral que não se identifica fora do coletivo. E do ponto de vista de uma discussão, com ou sem enfoque na subjetividade, é no mínimo complexo pretender dar a conhecer, compreender ou analisar questões referentes a mulher romani sem abordar ao menos minimamente o povo que a constitui e é constituído por ela.

### **O Povo que habita em nós.**

Povo com uma história invisibilizada, silenciada, excluída, coletivo que se construiu às margens do institucionalizado pelas maiorias como padrão, como ‘correto’, como normal. Não por uma opção decidida por caminhar às margens das sociedades, ou por uma sorte de vontade incontrolável de ser ‘desviante’ e segregado – marginalidade e exclusão não fazem parte da cultura - mas pela necessidade de sobreviver, com sua cultura amada, peculiar, secular, construída ao longo dos caminhos. Ante a impossibilidade encontrada pelo povo de aceitação de sua diferença, foi necessário criar estratégias, compor ‘armas’ para resistir firme e sem guerra. Por exemplo, o nomadismo perpetuado pelo imperativo de caminhar para fugir, o comercio incorporado como “carne à unha”, atividade compatível com a itinerância. A oralidade conservada a despeito de que outros povos pouco a pouco acediam ao letramento.

Falamos então, não só da subjetividade que permite interpretar e refletir sobre a realidade de acordo com a cultura que permeia nossa idiossincrasia. Também da subjetividade imbricada na exclusão imposta, na estigmatização vivenciada diariamente. Já não é possível pensar esses processos de subalternização somente em termos de justiça social ou relacionados às crises de Estado, é necessário

também introduzir a dimensão subjetiva do sofrimento inerente à desigualdade. Permitir que um povo (que é meu, que é de Elisa, e que é seu também leitor desse texto, pois os povos são nossos por ser parte da diversidade cultural do mundo, ainda que não se seja integrante interno) permaneça excluído há tantos séculos, e ainda hoje, representa a falta de compromisso político com o sofrimento desse Povo e de empatia humana. O estudioso e linguista rom Ian Hancock exemplifica essa desumanização sistêmica dos Romà, com uma frase preconceituosa relacionada a dor, encontrada por ele em textos que pretendia abordar as características do povo cigano: “os ciganos não sentem dor como os outros povos” (Hancock et al, 2004:19). Realmente chama a atenção que possa parecer aceitável essa afirmação, não é de hoje que se sabe que diferentes povos podem ter distintas concepções do risível ou do que gera felicidade, contudo a dor nos iguala. E o máximo que podemos ser é mais ou menos resistentes a ela de acordo com o contexto. Parece ser necessário então introduzir a dimensão subjetiva desses processos de exclusão e subalternização. A dor é um aspecto inevitável e próprio da vida humana, porém o sofrimento a que nos referimos é a dor mediada pelas injustiças sociais e que facilmente deixa de ser vista como dor. No entanto é dor que poderia ser sanada ou minimizada havendo vontade política e social.

A filósofa húngara Agnes Heller (1994) argumenta que se o padecimento imbricado à exclusão fosse compreendido por todos, além dos que a vivem em carne própria, o compromisso com esse sofrimento ético-político dos marginalizados seria outro. Entendido está que não nos referimos a necessidade de assistencialismo, nem incentivamos posturas vitimistas, contudo compreender esses processos perversos a partir do olhar do subalternizado pode ser também descolonizador do próprio ser, condição primeira para compreender a necessidade de transformar. Promover a compreensão com todos os sentidos possíveis, desatar os nós que prendem o saber ao âmbito do que é somente alcançado pelo olho, promover a diversidade epistêmica.

Voltando aos romà/ciganos, povo único, de matizes variadas, diverso, diferente, é uma Nação transnacional e também um grupo ‘minoritário’ nacional, povo no mínimo bilingue, mas também muitas vezes sem estudos formais ou semi escolarizados, de uma tradição oral repleta de lindas narrativas que

sem conhecimento de regras literárias, cria nas paramiches, nas pobiastes<sup>6</sup>, tramas que formam a identidade, seduzem, divertem, emocionam, fundam o próprio mundo sem deixar a desejar a nenhuma narrativa elaborada e tecida a mão. Povo que cultiva a ambiguidade de ser ‘livre’ aos olhos do ‘outro’ e da visão de mundo majoritária, contudo desenvolveram regras internas rígidas e arraigadas, algumas na boa tradição, outras no duro conservadorismo. Acertos e erros com sementes históricas, regadas pela intolerância, pelas perseguições, pelas tentativas constantes de extermínio cultural e físico, pela vontade de continuar sendo e pela vitória que significa sobreviver – importante, porém já não mais suficiente para os Romà de hoje.

Apesar dessa história, ou justamente por ela, o povo se empenhou em sobreviver, em resistir. O coletivo sempre foi mais importante que o individual e qualquer individualidade interna ferida ou relegada significa muito pouco quando o assunto é permanecer culturalmente vivos. A culpa dá lugar à vergonha no âmbito de um coletivo tradicional e resistente. A honra está atrelada ao cumprimento das condicionantes culturais, plasmados em costumes que se acredita serem essenciais para a manutenção da cultura amada e defendida com orgulho, apesar dos problemas internos que pode ter um povo que construiu uma identidade reativa a tudo o que recebeu das sociedades circundantes. Desta forma se construiu segregado, etnocêntrico, em defensiva, acatando a marginalidade imposta. Chegando ao ponto de introjetar estereótipos e cumprir “profecias autorrealizáveis”<sup>7</sup>, deixando o olhar do ‘outro’ o paralisar na luta pelo direito de ter direitos, reconhecimento e voz. Dinâmica infelizmente comum a muitas minorias subalternizadas e que pode afetar o individual e o coletivo, o que Erving Goffman(1988) conceitua como “identidade deteriorada”, que em poucas palavras corresponde a ver a si mesmo pelos olhos dos estereotipadores e a se comportar de acordo ao esperado por eles. Para o filósofo canadense Charles Taylor (1994, 244), se a sociedade circundante aos grupos minoritários deixa claro que são vistos de maneira negativa, estes grupos dificilmente podem construir uma imagem positiva deles mesmos. E isso é uma forma especial de opressão. Um não reconhecimento ou um reconhecimento negativo pode gerar distorções reais na identidade individual e grupal. Se um grupo tem parte de seus

6 Nomes dados às narrativas orais tradicionais em distintos grupos.

7 Termo cunhado pelo sociólogo estadunidense Robert K Merton.



integrantes com estereótipos introjetados – ou porque não são percebidos como dignos de admiração e respeito, ou porque são tratados como pessoas de segunda classe ou desumanizados – podem se tornar sim um grupo vulnerável ( que foi vulnerabilizado) e dessa forma não se sente capaz de atuar na esfera pública. Deixando de ser um problema individual de seus integrantes, para ser um problema social que afeta o coletivo, o subalterniza e mantém assim as desigualdades e garante a manutenção do status quo das sociedades majoritárias. No caso dos romà, essas elaborações nada ingênuas tomaram dimensões inimagináveis devido a presença do povo em todo o mundo e as proporções mundiais do anticiganismo, tão generalizado quanto os estereótipos em relação aos “ciganos”.

### **O papel de gênero: ambiguidades, desigualdades e implicações na realidade**

Evocamos a circularidade própria de nossa cultura de raízes orais e nos permitimos deixar o âmbito da problemática do povo como um todo, para repetir, levada por um fluxo de pensamento repentino, mas bastante apropriado a meu ver, que queremos falar da subjetividade da mulher romani, mas que não se pode falar dela com clareza, se não se fala do homem desde a mesma perspectiva. Talvez não tão subjetiva, já que somos mulheres, e da mesma forma que os homens podem chegar a compreender, se realmente desejam, a nossa dor, a nossa alegria, a nossa luta e falar conosco. Não parece que possam chegar a sentir com tanta intensidade a condição feminina, para que possam, por exemplo, falar com total exatidão da subjetividade do que vivemos e nem falar por nós jamais. Porém, as relações de gênero dentro do coletivo romani são marcadas e determinantes e nos atravessa a homens e mulheres desde muito cedo, na infância colorida, consentida e protegida que destoa do que vemos, quando observamos a estranheza dos olhares oblíquos do “outro” sobre nós. Intuímos que a infância curta terminará quando, quase sempre precocemente, assumiremos nossos papéis de gênero e a responsabilidade de dar nossa contribuição para a manutenção da cultura viva e orgulhosa de nós. Em determinados momentos de nossa vida, e para alguns romà, em todos, a cultura amada se converte em destino, juiz, algoz e anjo que controla nossas vidas por nossa própria vontade e total impossibilidade.

Não é sem motivos que a maior parte das poesias romani, principalmente escritas por mulheres, está repleta de ambiguidades, nas palavras e nos sentimentos perpassados. Podendo ser considerada uma significativa característica dessa escrita.<sup>8</sup> Como falar do paradoxo dos homens romã que amadurecem ‘ainda verdes’, ainda meninos, preparados rapidamente para sobreviver – a um mundo que se sabe ainda bastante hostil aos nossos – por meio do orgulho de ser rom/cigano, de ser forte, superior e até “duro”, pois assim lhe ensinaram os séculos imbricados em sua memória genética e o confirmou os costumes pautados nas rígidas relações de gênero. Além disso, a cultura se construiu, da mesma forma a das outras sociedades que nos circundam, tendo por base o patriarcado. O mesmo machismo impera, mas não conta com campanhas de conscientização interna nem muitas vezes que o repreendam e o ameacem. Além disso, somado ao conservadorismo que o alenta e incentiva. E em alguns casos, como o dos segmentos grupais mais vulnerabilizados<sup>9</sup>, o entorno social e econômico crítico aumenta a desigualdade interna de gênero, como o faz quando atua sob qualquer grupo imerso nesses contextos de pobreza. O controle das mulheres, de ventres, corpos, desejos, individualidades e o sexismo e o androcentrismo tecido e alimentado desde séculos – originado talvez quando essas práticas foram tentativas reais de proteção e defesa, impiedosas mas necessárias, o que já há muito não são – se confunde com condição de manutenção da sobrevivência da cultura.

O temor e a falta de perspectivas mais amplas prendem homens e mulheres de nosso povo Romã à tarefa agonista de perpetuar o passado de décadas e séculos e eclipsar a existência do futuro em um mundo que já exige transformar para continuar existindo. Nesse contexto, muitas vezes está presente também a interferência religiosa de matiz conservador e significativamente sexista. Fato que aumenta a desigualdade interna de gênero e não favorece o caminho rumo às transformações e novas configurações culturais e sociais que urgem.

O fluxo da subjetividade nos remete agora de volta a ambiguidade, temida pelos textos

---

8 Ver minha tese de doutorado SORIA, Ana Paula.C.B/Voria Stefanovsky. “Juncos al viento: literatura romani e identidade...” . UnB, 2015.

9 Preferimos vulnerabilizados a vulneráveis para caracterizar que o povo não é socialmente frágil, foi tornado em um processo histórico perverso que criou um “outro” inventado.

acadêmicos, mas imbricada na realidade que se quer incansavelmente compreender. Encontrada na paradoxal subjetividade de meninas romani que crescem rápido, ainda mais rápido que os homens, orgulhosas de suas saias mas também presas ao peso de seus volteios, babados e brilhos. Meninas, moças, mulheres e “tias”, todas estandartes dessa amada ‘bandeira’ que carregam no corpo diariamente. Corpo de mulher romani, simbólico território corporal coletivo, no qual tudo é representativo e parece deter o poder de fazer a guerra e a paz de seu povo. As amadas roupas e acessórios das mulheres, onde nada é por acaso. Podem ser nomeadas de vestimentas de resistência. São símbolos de resistência quando servem para provar que os romã, apesar de tudo, sobreviveram e estão orgulhosos de suas tradições. Resistencia da mulher romani que podendo decidir por utilizá-las ou não, opta por ostentá-las como símbolo de identidade ao qual não necessitamos nos despojar para poder dialogar na mesma condição de igualdade. Grito implícito de que nossa estética também é válida e gera em nós identificação positiva, apesar do olhar alheio. Resistencia de outra mulher romani que, diferente da anterior, opta por não usá-las pois quer desconstruir de forma visual as expectativas do ‘outro’ e as tentativas de usurpar e mitificar nossa tradição de povo. Somente significam submetimento se essa mulher não as quer usar e é obrigada ou se é ao contrário, é obrigada a se despojar de suas vestimentas para ocultar seu pertencimento, recurso comum na necessidade de manipulação da identidade deteriorada<sup>10</sup>

Quanto poder nessa mulher, em muito e em muitas ainda submetidas, sua fragilidade de enorme força, suficientemente valente para enfrentar a vida romani/cigana que lhe solicita continuidade e se alicerça nela como transmissora ativa e ao mesmo tempo contida. Condição passível de analogia a muitas das canções romani, tristes em suas letras e alegres em seu ritmo, que nos convida a bailar as tristezas e seguir.

Ambiguidades à parte, a realidade da mulher romani no contexto interno dos exigentes papéis de gênero costuma ser exaustiva e desigual. É ela quem transmite a tradição as novas gerações e, além disso, as leva nas vestimentas. É ela quem cuida de todos, primeiro dos irmãos, da família de origem, depois do marido, dos filhos, dos sogros; muitas vezes de todos ao mesmo tempo, caso haja

---

10 Ver: Goffman, Erving (1988).

possibilidade em relação ao lugar em que vivem. Também deve aprender como manter a família com a sobrevivência diária. Desta forma a ela não corresponde o papel de ‘somente’ cuidar da casa e dos filhos. Também vai as ruas, vender pequenas coisas necessárias, como pode ser tapetes, panos de prato, cobertores e o que possa parecer interessante e vendável. As que não estão impedidas pela religião que professam, colocam cartas, leem as mãos. Geralmente são hábeis, talentosas e bastante observadoras para captar as necessidades dos clientes, que quase sempre são não-romã. Também existem as que ajudam o marido nos negócios já desenvolvidos por eles ou as que se tornaram pequenas empresárias em atividades geralmente familiares.

É sempre bom lembrar, que nada do que possamos dizer sobre a realidade cotidiana das mulheres romani pode ser tomada como passível de uma generalização absoluta. Falamos da maioria ou de muitas. É claro que as exceções existem. Nós mesmas, autoras de esse texto, somos uma prova das diferenças que existem entre grupos, famílias, pessoas e mulheres romani. Diferenças significativas que podem existir no contexto de países distintos, de diferentes cidades de um mesmo país e até mesmo na mesma cidade. Contudo, não deixamos de ser um único povo e de encontrar muitas semelhanças: em tradição, costumes e conflitos internos e externos<sup>11</sup>. Talvez até mesmo mais semelhanças do que gostaríamos, como pode ser, por exemplo, a convivência diária com o anticiganismo institucional e estrutural.

É uma alegre verdade de que hoje já contamos com mulheres nas Universidades, na direção de associações e desenvolvendo atividades que não são as consideradas tradicionais para as mulheres. Estas mulheres já estão em todo o mundo, porém, são maioria ainda na Europa. Países onde o ativismo romani, principalmente de mulheres, tem mais representatividade. Mas é também uma preocupante verdade o fato de que ainda somos muito poucas em relação a quantidade observável de Romã no mundo e pouquíssimas se comparamos às mulheres em geral e até mesmo em relação as mulheres de outras minorias<sup>12</sup>.

---

11 A UNESCO conferiu em 1982 o status de Nacao Transnacional aos Romã.

12 Em 2015 eu, Voria, fui considerada a primeira mulher romani a ter concluído um doutorado na América Latina. Ao menos fui a única que ao terminar o doutorado, sobre tema relacionado aos

O papel de gênero estabelecido para as mulheres romani em contexto tradicional impacta muito fortemente na pouquíssima presença dessas mulheres nas Universidades, por exemplo. Os homens também vivenciam essa realidade, porém é muito mais fácil encontrar apoio familiar para os homens que decidam estudar se quiserem. Frisamos o verbo querer porque ainda é bastante comum a não opção por continuar os estudos, já que não existe uma relação direta clara, para a cultura que se construiu na oralidade e no nomadismo, de que a educação formal possa interferir positivamente no futuro de seus jovens. Aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas ainda são vistas por muitos romà como as únicas destrezas necessárias que se pode adquirir na escola. O suficiente para seguir a vida romani. Quantas vezes me vi oferecendo a alguma mulher jovem ou adulta minha disponibilidade para alfabetizá-la ou ampliar seus conhecimentos da escrita e a resposta foi um rápido não, acompanhado da justificativa que não podia perder tempo com isso, pois não iria trazer mais nenhum benefício a sua vida. Por outro lado, muito mais vezes conversei com meninas, jovens e até adultas que alimentavam o sonho de estudar, ter uma profissão específica e contribuir para seu povo.

Ainda atualmente, e em diversas partes do mundo, as jovens continuam casando bastante cedo para os padrões atuais das sociedades circundantes. A retirada precoce das meninas da escola ainda é uma prática ampla embora não geral. Costumam deixar a escola após a ocorrência da primeira menstruação ou, quando muito, antes dos 17 anos. Muitas famílias já demonstram interesse de ampliar a permanência de seus filhos e filhas na instituição escolar, porém relatam algo que vai mais além do secular temor à aculturação ou a comum justificativa da possibilidade de que se apaixonem por um gadyó (não-rom): a exposição intensa e diária aos preconceitos, discriminação e racismo oriundos de colegas, professores, diretores, pais e da instituição escolar. (esta que quase sempre não contempla sua cultura). Outros fatores como o casamento geralmente ainda muito jovens, a expectativa de assumir um melhor status dentro do grupo, o de mãe, incentiva a que tenham filhos mais cedo e em maior número (ainda que já ocorre uma significativa redução no número de filhos por mulher). Todos esses elementos são obstáculos difíceis de transpor e motivos de conflito dissociativo cognitivo para as mulheres romani Romà, se identificou como romani, assumindo as consequências (as boas e as desastrosas) decorrentes da postura ativista.

que desejam seguir também um caminho de aperfeiçoamento individual conjuntamente com todas as atribuições de seu rol de gênero. Missão quase impossível se não existe a colaboração masculina no processo e o entendimento da família. Ainda com uma boa negociação e colaboração é uma elaboração cultural ainda complexa. Desta forma, a necessidade de que pouco a pouco se possa dialogar rumo a construção de uma nova masculinidade possível, que acompanhe o paulatino, porém constante avanço do protagonismo feminino, será de vital importância tanto para o crescimento de homens e mulheres capazes de lutar por direitos externa e internamente, como para garantir a sobrevivência do grupo étnico sem atrelar essa existência a marginalidade, nem deixar de herança exclusão sistêmica, para as futuras gerações de romã.

### **A poesia como compreensão subjetiva e descolonizadora**

Parece também impossível, ao se falar de subjetividade e mulher romani, se despir totalmente da poesia intensa e agridoce que constitui a existência dos romã. Consideremos os mitos, as lendas, os estereótipos, os estigmas, a constante exotização, a história, o anticiganismo e a identidade de resistência, e já temos o suficiente para justificar o “sabor” da subjetividade poética a qual evocamos.

Decidimos, em cumplicidade ancestral e em reconhecimento ao povo do qual somos parte, pontuar nosso texto pela desconstrução, pela descolonização e pela presença da poesia – literalmente agregada ou imbricada na tessitura de nossa escrita. Gênero muito próximo aos Romã, presente secularmente nas canções e que também deu contorno as primeiras expressões escritas da literatura romani, e ainda hoje é a expressão literária mais presente entre escritores e escritoras de origem ou ascendência romani. Nesse contexto, a voz poética inédita e grata em “Entre o céu e a terra existe a roda” – frase que leu em algum momento da vida –, de Elisa Costa, define o que é ser uma mulher romani:

Acima o céu, a desenhar estradas longas, que se encaixam no inesperado de tantas vidas.

Esse véu sem bordas, de tons infinitos, de calma e tempestade, que susurra as horas e os minutos, entre a escuridão da noite e o delírio dos sonhos quando clareia.

Esse céu de azul contínuo, as vezes bordado de branco, por vezes alaranjado, vermelho ou azul escuro, que tece olhares, saias e estradas.

Azul da cor do mar, como se o mar, por vezes, fosse o teto.

O céu que testemunha a roda,

A terra que reflete o céu,

A roda que conta a mulher.

Abaixo a terra. A construir mapas e redes, como se a cartografia da alma pudesse ser traçada por mãos infinitas de carvalhos e salgueiros. Por vezes o verde, por vezes a oliveira, por vezes o barro.

Por vezes queimando, nessa despedida das coisas e das pessoas, que consome desde o broto à raiz mais profunda de um baobá, por outras florindo, como os ramos de calêndula, miosótis azuis ou margaridas, que emprestam suas vidas quando apontam os contornos das kumpanias.

Ou ainda os tufos de alecrim, que contornam as areias, o perfume e as misé-rias.

Essa terra por vezes rachando, seca e sem vida, deixando uma fotografia impressa que apenas os poucos olhos atentos da vida, verão.

Essa terra, a mesma que embala a filha e enterra a mãe.

No meio a roda. Vermelha de vida e morte.

A cor do caminho, das rajadas vermelhas de um céu bravo, que em forma de testemunha, relata guerras e vitórias. Onde séculos viram páginas e lembranças vencem canetas.

Essa roda, do vermelho da morte e da vida, sem distinção. Romani droma. Sem prediletos, sem afetos e nem desafetos, sem amores cristalizados como os rubis.

E não por simples analogia. Tão pouco por ficção ou pela alucinação das realidades.

Essas cores que contam a vida de muitas, também contam a vida das Saras, Marias, Mirandas e Caterinas, das Josefas, Sebastianas, Serafinas e Magdalias.

De olhos firmes, por vezes como escudo, tem por teto o céu, por chão a terra e por destino a roda, vermelha.

Que menina é essa que sobe em árvores, atravessa rios e consagra ventres.

Que mulher é essa que rompe fronteiras, que embala a vida e conquista o mar. Que mulher é essa, que floresce onde quer que nasça e que escreve suas próprias histórias.

Porque é dos aros da roda que se conta a mulher, é do barro da terra que se tece o destino e é do infinito do céu que se rompe o improvável.

O eu poético feminino brinca engenhosamente com o simbolismo da bandeira romani, suas

cores que simbolizam céu e terra e mar. O universo todo que pode ser percorrido pela roda vermelha da bandeira que também pode ser a roda da vida romani, sem nenhum olhar ‘enviesado’ ou romantizado. A vida ‘cigana’ despida de lendas que a poeta chama de “ficção ou alucinação das realidades”, ou seja, aqui se apresenta o desejo de ser vista além dos estereótipos comuns ao olhar alheio e além dos condicionamentos da cultura própria.

Enquanto mulheres romani que tecemos este texto, nós lemos suas simbologias desde o sentir romani que percebe “os olhos firmes” de nossas ancestrais ante o mundo e ante nós, como proteção identitária, somos mulheres frutos de suas árvores frondosas. Entendemos que seus ventres foram “consagrados” à cultura que nos deu a luz e o norte e hoje nos permite romper fronteiras e “conquistar o mar” pois nos tornou resistentes. Compreendemos o rio, simbologia da vida e do caminhar, da adaptabilidade que não perde a qualidade primordial, que se separa e volta a se unir indefinitivamente renovado. Por isso recebi o nome de Voria, nome de rio<sup>13</sup>, rio que banhou meu nascimento e no qual simbolicamente Elisa mergulhou suas memórias poéticas e as atravessou dando forma à luta após chegar ao mar e poder escrever suas próprias histórias. Nesse momento Elisa também é Voria e Voria é Elisa, e as duas somos rio pois ambas sabemos que para contar histórias foi preciso primeiro adquirir voz nadando em “mar bravio”, decisão e necessidade inevitável.

Observemos que para o eu poético, representado por uma mulher romani que se pensa entre o antigo e o novo (a bandeira romani é relativamente jovem e data de 1971 enquanto variados elementos invocados na poesia são claras referências à ancestralidade e a tradição). “Conquistar o mar” é poder escrever sua própria história e “florescer” é também continuar sendo mulher romani não só pelo nascimento, mas também por sê-lo onde “desembocar” o simbólico rio. Não importando que seja um restrito lago, um amplo oceano ou até mesmo um árido deserto, à maneira do rio Okavango na África. Não é destituído de um grande sentido, o simbólico ato dos Romà de jogar rosas nos rios do mundo na comemoração do dia 8 de abril, Dia Internacional do Povo Rom. Além do caminhar, a homenagem aos que caminharam antes e chegaram à “outra margem” da vida, mas que nos deixaram essa característica

---

13 Nos referimos ao rio Voria, na Rússia, imortalizado na pintura de Vasily Dmitrievich pole-nov (1881)



resistente, adaptável e poeticamente intensa de amar sua cultura, de contar suas histórias e de insistir em sobreviver. Desde pequena, incentivada por ter nome de rio, as rosas lançadas eram algo que me interessavam particularmente. Sempre imaginei as rosas como mulheres romani, jamais como homens, não pela consagrada relação rosa-mulher, mas porque sabia, sem ter total consciência – como sabem todas as meninas romani – que são as rommi, as sintisas, as kalins, as verdadeiras continuadoras desde caminhar, as transmissoras da cultura, na qual florescemos Rosas, Elisas, Vorias, Saras, Carmens, Veras, Natalias, Marias... Ainda em referência à poesia da phrala<sup>14</sup> Elisa, observemos como o eu poético tece a relação entre os “aros da roda que se conta a mulher” (da bandeira) que possibilita a voz da mulher – referência à importância da luta ativista no propiciar de não somente voz própria como a voz de todas – e o aro da roda do vurdon (carroça antiga) resgatando a memória ancestral feminina contida nessa voz autêntica. Termina por referenciar o infinito do céu (que também implica o duplo significado do céu representado no azul da bandeira). Nesse caso, ainda que a luta ativista seja central para dar voz a essa mulher, a religiosidade natural ancestral é resgatada como sendo um poder divino representado por Devel (Dios), Sara Kali, os elementos da natureza etc. os que podem definitivamente vencer todas as inúmeras dificuldades ainda existentes para que a mulher possa ter voz e “romper o improvável”. A improbabilidade dessa voz está na poesia relacionada também à baht (sorte, destino), resgate do pensamento mágico, e a impedimentos internos a própria cultura, por isso a evocação constante a bandeira e a “etnogênese” que brotou a partir da consciência de sermos também uma Nação Transnacional.

Para finalizar, embora não consideremos que o tema da subjetividade esteja esgotado, pois é amplo e até diríamos, infinito, e inclusive perpassa todo nosso texto. Queremos trazer a voz poética feminina que, após “nadar no mar” e contar suas histórias, escrever sua voz e falar a sua escrita, se expressa, do seu lugar “entre culturas”, “entre mundos”, desde uma visão ampla de quem pode ver de dentro e de fora. Lugar menos privilegiado do que conflituoso, onde somos mais romani fora da

---

14 Irmã, para se referir a outra mulher romani independente do parentesco sanguíneo. Optamos pelo uso poético e incorporado coloquialmente pelas autoras, em lugar do indicado pelo romanês phey.

comunidade do que dentro e mais gadyés dentro da comunidade do que fora. Essa mulher que “cruzou o mar” e nadou até sentir que o cansaço lhe chegava aos ossos, mas que não lhe paralisava a alma, ainda deseja ser mulher romani e sonha continuar sendo. Pois esse “ser”, essa romanipen (ciganidade) habita além da dimensão do visível. Observemos:

No balanço das minhas tranças,  
o ruído das moedas ao vento,  
contrastava com o peso de minha saia.  
Longa e ampla.  
Sob os sorrisos de meus pais, gitanos entre juncos.  
Sintisa, não sabia que carregava o orgulho ancestral  
no meu corpo.  
Que ainda despido de bandeiras,  
resistiu em minha alma romani.  
Entre livros, entre papeis, entre histórias lidas.  
Escrito nas mãos e nas páginas.  
Nada foi embora com aquelas tranças  
Gitana

A poesia inédita é de Voria Stefanovsky, ou seja, a que redata o texto arquitetado pelas duas autoras que o pensaram. Permito-me dizer que sou eu, e que isso não corresponde a uma estratégia egóica ou deselegante, mas sim mais uma inclusão da subjetividade dentro da proposta descolonizadora que norteia o texto. As tranças perdidas pelo eu poético feminino não cortaram sua romanipen, e as mudanças efetivadas por ela não a tornaram menos romani. Os sonhos da mulher ainda refletem o da menina sintisa. O grande medo de uma significativa parcela do povo Romà, de que a mulher romani ao desenvolver uma vida individual direcionada aos estudos ou ao trabalho fora do lar, ainda que parcialmente, se aculture e se esqueça de suas origens não coincide com a realidade. Nem do eu poético nem de quase todas as escritoras romani as quais tive acesso ou estudei suas obras. Por exemplo, a ativista romani e escritora portuguesa Olga Mariano (conhecida também como Olga Natália em publicações,) se pergunta em um de seus poemas, intitulado “estou louca?” os motivos pelos quais mantém intenso e intrínseco amor pelo pertencimento à cultura apesar da dureza do caminhar e das

mudanças que ela mesma efetivou no seu destino:

Como sinto o sangue  
A latejar nas veias.  
Como o sinto quente  
Passando por elas.  
Como gostaria de nada  
Sentir.  
Como gostaria de estar  
A dormir.  
Tento não pensar  
Em tudo perdido  
Mantendo uma esperança que não faz sentido  
Louca estarei  
Sem desanimar.  
Louca estarei  
Voltei a pensar.  
Mesmo sendo assim  
Eu continuo a sonhar. (2002)

Foi a poeta romani portuguesa, acima citada, quem em muitas de suas aparições públicas e ativistas disse: “podemos ser o que quisermos sem deixar de ser nós mesmas”. Quando o eu poético decide continuar a sonhar se remete a essa opção da junção possível entre identidades em contante performance e negociação para se manter paradoxalmente uma. A mulher que sempre foi e sempre será, constituída de memórias e destinos possíveis, que deixou para trás o presente extenso do conservadorismo e o ‘rol das lendas’, como constantemente diz Elisa Costa, lendas que rezam, presunçosamente e a nossa revelia, saber mais da gente do que nós mesmas.

### **Feminismo romani: diferença e interseccionalidade**

É ainda a voz de Olga Mariano que no poema “8 de março” inclui à mulher romani na luta de todas as outras mulheres, sem deixar de observar as especificidades da voz romni, em uma coletânea de perguntas poéticas contundentes:

“Quem és tu mulher? /  
Que deixas que outros/  
comandem o teu destino/  
E ocupen o teu lugar? [...]   
Que sofres calada  
Pra não te verem chorar.  
Que ficas sentada  
Quando te queres levantar. [...]   
Como é a tua sina  
Que desde bem pequenina  
Te dizem não pode ser [...]   
Vê outro lado da vida  
Ergue-te na despedida mulher  
Hoje é o dia de pensares em ti  
De amarres o passado  
De gritares bem alto  
Tudo o que queres  
Tudo o que sentes  
Há vidas guardadas dentro de ti  
Chegou o teu dia mulher  
Que orgulho de te ouvir dizer  
Basta...  
Hoje sou eu a falar por mim  
Tomar a palavra e dizer  
Eu sou mulher sei o que quero  
Eu...estou aqui.

As perguntas do eu poético lançadas à luz as mulheres romanis em um movimento sugestivo de inclusão na luta de outras mulheres, a partir do título da poesia referente ao dia internacional da mulher, convidam a repensar, a empoderar-se, sugestivo também de um feminismo romani. A expressão feminismo romani, que ainda parece incoerente para alguns segmentos, internos e externos ao grupo, é uma realidade emergente e que se solidifica no processo do ativismo. Elisa Costa, por exemplo, assume e se vê no feminismo Romani e muitas outras mulheres pouco a pouco se reconhecem feministas de alguma forma e outras já concebem começar a discutir sobre o conceito e como pode ser aplicado no caso das mulheres romani. Não é um movimento mundialmente amplo ainda, pois a grande presença da Igreja evangélica dentro dos grupos também freia seu crescimento, ao menos por agora.

Contudo, já existe um movimento feminista romani europeu que, entre tantos desafios, se depara com a dificuldade de conciliar a luta para desconstruir o patriarcado sem expor a comunidade e ser alvo de mais discriminação por parte dos não romà que, desconsiderando o teor de seu próprio machismo, enxergam com lentes de aumento, e olhos deformados, o machismo da comunidade romani. Como conciliar a já mencionada necessidade de muitas mulheres romani que desejam alcançar um ponto de equilíbrio entre o seu desenvolvimento pessoal na sociedade majoritária, onde inevitavelmente tem que dialogar, e o seu pertencimento? Desde pequenos se aprende que a preservação da cultura é o mais importante para o grupo e está acima das aspirações individuais. Ao argumento de que as mulheres romani são submissas, de que não querem se libertar do domínio patriarcal – uma acusação frequente que corresponde a um tipo diferente de estereótipo cultivado por algumas feministas não romà que desconhecem a realidade e especificidade desta mulher - pode-se dizer que a mulher romani não é submissa, mas seu papel de mulher gera muita responsabilidade em relação à manutenção e conservação da cultura gerando ruído. Hoje as mulheres romani lutam por aspectos que já foram alcançados por mulheres não-romà e os aspectos que preocupam as feministas nas sociedades majoritárias não são muito problematizados porque ainda lutamos por direitos básicos e fundamentais.

A opressão das mulheres romani deve ser vista sob a ótica da interseccionalidade. Sofremos uma multidiscriminação, primeiro por gênero como todas as mulheres, segundo pela cultura, que está relacionada à subalternidade das mulheres dentro da comunidade e terceiro pela etnia, que está relacionada à forma como somos(mal) vistas pelas sociedades circundantes. Não abordaremos neste texto as representações artísticas (literatura, artes plásticas, cinema, novelas etc.) sobre a mulher romani, tema extenso que traz à luz uma faceta peculiar e muito grave do anticiganismo: o anticiganismo de gênero. A mulher romani como a mais representada estereotipada e negativamente e a que é o principal alvo da discriminação e da estigmatização. Para o outro, antes de ser mulher, ela é vista como uma cigana. Internamente também, antes de ser uma mulher, ela é romni, e deve saber qual o seu papel na comunidade.

No contexto externo a educação também é necessária. Educar o olhar direcionado aos Romà,

observar como a sociedade majoritária tem contribuído para que a identidade romani se construa na resistência segregada, muitas vezes reproduzindo posições etnocêntricas e estratégias reativas que dificultam o diálogo intercultural necessário, inclusive para os próprios Romà. O sociólogo italiano Alberto Melucci considera duas posições comuns e reativas à exclusão, praticadas por minorias marginalizadas e que podem ser identificadas na identidade romani. Uma delas é a elaboração depressiva, entendida como a reação do ator social ou grupo marginalizado ao se fechar e se afastar dos contatos com o mundo exterior. Nesses casos, o grupo renuncia à ação e paralisa todos os tipos de movimento de inclusão e, por vezes, desencadeia processos destrutivos, como não lutar por direitos e boicotar ações de outros romà que busquem mudanças nessa situação. O outro mecanismo é a sublimação, que se efetiva quando o grupo promove a mobilização de recursos simbólicos na construção de uma imagem idealizada da cultura, para manter o orgulho. É interessante perguntar-se de que forma e como as sociedades continuam a contribuir para manter os romà excluídos e à margem. As sociedades que pretendem defender os direitos humanos não podem naturalizar a existência de uma minoria subalternizada e esquecida sem nenhuma ação.

No caso específico da mulher romani a discriminação é também interseccional, com exemplos distintos e específicos como: não reconhecer o casamento tradicional dentro da comunidade e negar à romni que somente se casou pela tradição, sua correspondente pensão por viuvez, por não ter papéis está desamparada, não permitir a entrada de mulheres romani em certos negócios ou monitorá-las ou revisá-las ao sair, levar presa um “cigana” que pratica quiromancia em locais públicos, enquanto permite que outras pessoas não romà pratiquem essas mesmas artes divinatórias. Os exemplos citados já foram presenciados por mim na Argentina muitíssimas vezes. Isso para citar apenas um país. Ou nas realidades apontadas pela antropóloga Jamilly Cunha (2017) e a socióloga Marcia Vasconcelos (2017)<sup>15</sup>, dando forma as inúmeras construções estereotipadas no Brasil. Essa subalternização múltipla que sofre a mulher romani é naturalizada pelo androcentrismo interno, pelo machismo externo e pela internalização do anticiganismo por parte das sociedades circundantes, e não podemos evitar dizer e

15 Ver: [http://amsk.org.br/imagem/publicacao/Publicacao7\\_AMSK\\_2017\\_MulheresRomani.pdf](http://amsk.org.br/imagem/publicacao/Publicacao7_AMSK_2017_MulheresRomani.pdf)

repetir, pela falta de interesse político em garantir direitos e formular políticas para exterminar esse tipo de discriminação. São situações que requerem esse olhar de cuidado e de respeito por essas mulheres. Verdades absolutas foram ditas em nome dessas mulheres, e muitas delas entenderam como verdadeiras essas questões sobre elas mesmas. (Costa 2017) É necessário espaço de visibilização e voz e que já não se apoie nem se pratique a objetivação de nossas lutas e histórias. Sobre o feminismo romani, ele pode engendrar e já está engendrando, muitas possibilidades de que nossa voz seja a que protagonizará as mudanças necessárias a igualdade e respeito a diferença das mulheres romani.

Para encerrar nosso texto, que de nenhuma forma pretendeu dizer tudo ou abordar toda a questão sobre as mulheres romani, por espaço e pela amplitude complexa do tema. Dizemos apenas que essas são somente as “primeiras páginas”, que complementam e reiteram o que já escrevemos antes, e são sementes de muitas outras que precisam ser escritas e reescritas, para que seja possível “virar a página” da subalternização e assumir a escrita de um novo capítulo de nossas histórias. Terminamos no próximo parágrafo, e como nos propomos, à maneira romani, e evocando a subjetividade descolonizadora. E nada mais propicio que trazer a memória oral de nossas ancestrais e incitar a caminhar, a modo de uma quase oração, quase poema e uma quase realidade.

É preciso andar e temos andado. É imperativo manter o sonho, mesmo por vezes distante, com olhos fixos no presente e nesse futuro tão imediato. É preciso avançar na sensibilização tão dita e cobrada, para a efetivar existências mais justas. Dessa parceria de escrita, de sonho e de partilha de tantas dores, vamos nos juntando, por nós, por todas nós, com Sara, por Sara. Embaladas nesse sentimento tão nosso, opré rromnia!<sup>16</sup>.

## Referencias bibliográficas

COSTA, Elisa; VASCONCELOS, Marcia; CUNHA, Jamilly Rodrigues; MARIANO, Olga. (2017). Mulheres Romani (ciganas): Rostos e identidades. AMSK/Brasil: Brasília-DF. Disponível em: [http://amsk.org.br/imagem/publicacao/Publicacao7\\_AMSK\\_2017\\_MulheresRomani.pdf](http://amsk.org.br/imagem/publicacao/Publicacao7_AMSK_2017_MulheresRomani.pdf)

16 Nos remetemos a Sara Kali, padroeira e “mãe” de alguns grupos romà, não para evocar palavras religiosas, pois se tratam de palavras fincadas na tradição oral. Opré rromnia (avante mulheres).

HANCOCK, Ian; Dowd, Siobhan; Djuric, Rajko (2004): The Roads of The Roma. Manchester: University of Hertfordshire.

HELLER, Agnes (1994): La Sociología de la vida cotidiana. Barcelona: Península.

MARIANO, Olga Natália (2002): Festejando a Vida. Setúbal: Editora RealImo.

\_\_\_\_\_. (2004) Tesouros da vida. Setúbal: Editora RealImo,

MELUCCI, Alberto (2001). A invenção do presente. Petrópolis: Vozes.

SANTOS, B. (1989): Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal.

SANTOS, Boaventura de Sousa & Maria Paula MENEZES (org) (2010): Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez Editora.

SARLO, Beatriz (2005): Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

SORIA, Ana Paula.C.B/Voria Stefanovsky. (2015). “Juncos al viento: literatura romani e identidade...” . UnB. Tese de doutorado.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: Memórias del Seminário Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007. [ Links ]